



O CAFÉ NA BAHIA E NO RIO

Aos 20 de março de 1958 falecia o eminente pesquisador patricio a quem o café tanto deve: Afonso de E. Taunay. Tinha então 82 anos bem vividos. A História do Café no Brasil e a História Geral das Bandeiras Paulistas são os monumentos mais significativos de mais de uma centena de obras desse autor.

Valemos do segundo volume da História do Café no Brasil para contar alguma coisa do café na Bahia e no Rio de Janeiro.

A certa altura (capítulo XI) escreve:

"Assim, ao desembargador Francisco Nunes da Costa se deve a introdução do café e do cacau em Ilhéus."

E no capítulo seguinte:

"Thomaz Lindley, que esteve preso na Bahia por mais de um ano e por motivo de contrabando, deixou sobre as suas aventuras, um livro cheio de pormenores relativos a artigos de exportação local, sem nenhum comentário mais.

De muito maior interesse, porém, é o que narra dos cafés públicos da cidade d'O Salvador."

Depois acrescenta:

"Em todas as ruas abundam os cafés, se assim entenderdes dignificar por pelo deste apelido um botecoim sujo onde umas tantas mesas e uns tantos bancos se acham arrumados, com uma espécie de balcão, no fundo da sala, de onde um líquido imundo, a que chamam café, é distribuído e tanto mais nauseante quanto servido em copos.

Estes lugares estão, desde manhã, apinhados de pessoas de diferentes classes, de trato e do vulgado a quem, a tróco de uma paga de quatro vinténs, é servido um almôço constituído por um copo de café e um pão amanteigado, com manteiga rançosa irlandesa, refugo do mercado de Lisboa."

Já no capítulo XIII escreve:

"Parece absolutamente incontestável que o introdutor do cafeeiro no Rio de Janeiro foi o desembargador João Alberto Castello Branco."

E' do capítulo XIV este parágrafo:

"Durante a sua estada no Rio de Janeiro como chanceler da Relação, tomou João Alberto de Castello Branco



Nutrição Mineral do Algodoeiro

E. MALAVOLTA

A obtenção de novas variedades de algodoeiro destaca-se sem dúvida alguma como uma das contribuições mais importantes do Instituto Agrônomo de Campinas em benefício do agricultor paulista. Dessa maneira foram sendo substituídas as variedades importadas por outras adaptadas às condições de clima e solo do Estado de São Paulo. O algodoeiro hoje cultivado entre nós destaca-se pelas grandes produções que pode garantir quando recebe os cuidados devidos — da adubação ao controle das pragas e moléstias. Quando, entretanto, a cultura não é bem cuidada, a potencialidade das novas variedades não se pode manifestar. Entre os muitos cuidados que o algodoeiro requer a adubação é dos mais importantes.

Tradicionalmente se considera essa malvãcea como uma das plantas mais exigentes em elementos minerais que o solo — ou o fertilizante deve fornecer. Essas necessidades são particularmente grandes na variedade I.A.C.11, conforme revelam dados obtidos recentemente na Escola Agrícola de Piracicaba. Uma plantação dando uma colheita de 1,5 toneladas de algodão em caroço por hectare retira do solo 90 quilos de azoto, 10 de fósforo e 70 de potassa.

Vê-se, pois, que as exigências de azoto e de potassa são particularmente grandes. As necessidades do primeiro desses elementos são pequenas no início do ciclo, acentuando-se bruscamente 2 meses após o plantio, aproximadamente no momento da floração. E por isso, acertada a recomendação de não aplicar-se adubos azotados solúveis por ocasião de semeadura: as águas da chuva arrastá-los-ia provocando a sua perda. A prática de se fazer cobertura azotada aos 45 dias é assim bastante justificada uma vez que diminui o perigo da perda e, por outro lado, evita uma concentração salina exagerada e inútil na proximidade das sementes. Um aspecto de nutrição azotada do algodoeiro que apresenta interesse é o das formas em que o elemento deve ser aplicado. O assunto tem sido muito estudado em diversas estações experimentais dos Estados Unidos da América do Norte. De um modo geral o algodoeiro parece preferir os adubos azotados que deixam no solo uma reação alcalina, como ocorre com o Salitre do Chile. Parece ainda que o sódio do nitrato natural chileno desempenha um papel estimulante sobre a vida da malvãcea. O fenômeno é semelhante àquele que ocorre com a beterraba açucareira, cultura em que o máximo de produção é obtido apenas quando o elemento sódio está presente na adubação.

No que tange ao potássio, o algodoeiro absorve quase 75 por cento da quantidade total no período que vai do aparecimento das maçãs até a maturidade da cultura. Esse procedimento sugere a conveniência de se fazer mais estudos sobre a época da aplicação do elemento em questão. Não seria surpreendente que, como no caso do azoto, fossem obtidas respostas melhores fazendo-se adubação potássica em cobertura.

Talvez estivesse aqui a maneira mais conveniente para combater a "ferrugem" do algodoeiro, doença fisiológica que, como se sabe, é consequência da falta de potássio; a anomalia em geral só se apresenta na época da floração, mesmo em culturas recebendo adubação potássica. Sabe-se que o elemento potássio é arrastado pelas águas de lavagem nos solos arenosos com intensidade particular; quer dizer então que no momento em que esse elemento é exigido ele poderá não estar presente em quantidade suficiente uma vez que fora aplicado no plantio; as chuvas caídas entre a semeadura e a floração tiveram, pois, oportunidade de arrastá-lo. A aplicação tardia, em cobertura, contornaria essa dificuldade.

Embora exigido em pequena proporção o fósforo é usado entre nós em doses relativamente grandes. E que, devido à fixação do elemento pelas partículas do solo, apenas uma fração da dose aplicada permanece realmente disponível. Daí, então, a necessidade de usar quantidades maiores para compensar esse tipo de perdas.

Vê-se, pois, que a nutrição do algodoeiro apresenta diversos aspectos que devem ser levados na devida conta quando se estabelece o programa de adubação: tem-se que considerar as quantidades dos elementos a usar, a época de fornecê-los e as formas mais adequadas.